



BASTOS, Jussara Braga. **Companhias de dança contemporânea e bailarinos profissionais: negociações entre memórias corporais e o inédito.** Salvador: Programa de Pós-graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia; artigo elaborado com base em pesquisa de mestrado em andamento, orientada pela Prof^a. Dr^a. Clélia Ferraz Pereira de Queiroz.

Bailarina e pesquisadora.

RESUMO

O presente artigo propõe questões que circundam o âmbito profissional de companhias de dança contemporânea que têm como característica em seus trabalhos a não residência de um único coreógrafo, sendo acessadas, portanto, diferentes propostas de movimento e coreográficas a cada projeto coreográfico trabalhado com diferentes coreógrafos. Entendendo tanto uma companhia, como um bailarino que a compõe como sendo sistemas abertos e de alta complexidade, que possuem em si subsistemas que o compõe, propõe-se pensar e relacionar ambos os sistemas (bailarino e companhia) aos conceitos de permanência, metaestabilidade e entropia, trazidos pela Teoria Geral dos Sistemas. Relacionar esses conceitos de modo a entender uma possível necessidade de busca, tanto dos bailarinos, como da companhia, por uma formação/preparação diária que seja ampla e diversa, buscando assim trabalhar o que o corpo é enquanto memória/repertório corporal de suas vivências e encontrar novos mapeamentos motores para propostas ainda inéditas a esses corpos. Entender, através desses conceitos, como se dá a negociação corporal entre o que se tem corporalizado de memória motora e o que é, de certa forma, inédito a esse corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Dança Contemporânea: Teoria geral dos sistemas: repertório/memória corporal.

RÉSUMÉ

Cet article expose des questions qui entourent le champ professionnel des compagnies de danse contemporaine dont les créations ne sont pas faites par un seul chorégraphe résident. Dans le cadre de ces compagnies, il y a des différentes propositions de mouvement et de composition chorégraphique selon chaque chorégraphe et chaque projet de création chorégraphique. Considérant la compagnie et le danseur qui la compose comme des systèmes ouverts et de haute complexité et que ces systèmes sont composés par des sous-systèmes, on propose de penser et d'établir des liens entre les deux systèmes (danseur et compagnie) et les concepts de permanence, metaestabilité et entropie, présentés par la théorie générale des systèmes. On va discuter ces concepts de façon à faire comprendre le besoin éventuel, aussi des danseurs que de la compagnie, d'avoir une formation/préparation quotidienne que soit large et diversifiée, cherchant à développer ce que le corps est tant que mémoire/repertoire de ses expériences et trouver de nouveaux schémas moteurs pour les propositions encore inédites à ces corps. Enfin, on va faire comprendre, à travers ces concepts, comment se fait la négociation corporelle entre ce qu'on a incorporé dans la mémoire motrice et ce qu'il est, de quelque façon, nouveau à ce corps.

MOTS-CLÉ : Danse contemporaine ; Théorie générale des systèmes ; Répertoire/mémoire du corps.

Companhias de dança contemporânea e bailarinos profissionais: negociações entre memórias corporais e o inédito.

Entendendo a dança contemporânea como uma forma de comunicar e expressar percepções, ideias e ideais, que se fundamenta na diversidade, em redes complexas de colaboração e autonomia criativa, o bailarino profissional se depara com a seguinte questão: como considerar e preparar o corpo e suas ideias para o diverso? Como os bailarinos que estão inseridos nesse ambiente profissional da dança se preparam em seu cotidiano para que o novo seja assimilado corporalmente?

O corpo, ao entrar em contato com um código inédito ou pouco conhecido para si, reestrutura e adequa suas ações como pode às características deste, se valendo de suas experiências já corporalizadas/embodiment¹. Desta forma, a cada novo trabalho vivenciado pelo bailarino, o corpo necessitará de processos de adaptação à nova linguagem.

O corpo se apresenta como processo de sistemas dinâmicos. Os conflitos entre o que está corporalizado e o que não está, fazem parte do seu processo evolutivo de sobrevivência, e esforços adaptativos no curso da vida do organismo. (QUEIROZ, 2011, p. 176)

Com isso as noções de permanência e metaestabilidade trazidas pela teoria geral dos sistemas, se fazem pertinentes neste artigo.

Permanência, segundo Machado (2007) se dá num fluxo inesgotável entre informação e entropia. Ambas são condições de existência da permanência de um sistema. Ainda segundo a autora, “[...] a informação cumpre um papel de organização e de singularidade [...]” (p.15) e a entropia está ligada à desordem, não pura e simples, mas em um sentido amplo de ganho de complexidade sistêmica, provocando, portanto, a necessidade de um novo reajuste.

Têm-se, portanto, uma medida entre transformar e estocar, especializar e dissipar, configurando um processo evolutivo sem o qual não há como permanecer. A permanência, então, submete o sistema como condição, ao jogo da evolução. (MACHADO, 2007, p.15).

É necessário, contudo compreender que permanecer é, necessariamente, se modificar, se complexificar, se adaptar às mudanças, pois “[...] não há como permanecer e manter-se igual [...]” (Idem, p. 17).

Entendendo uma companhia profissional de dança contemporânea na qual se faz presente a diversidade do código/movimentação trabalhado a cada projeto coreográfico, como sendo um sistema, o qual é composto por seus

¹ Termo proposto pela autora Lela Queiroz, na justificativa de que “Nossa escolha ao traduzir ‘embodiment’ por ‘corporalização’, procura manter a abrangência da acepção que a designação originária recebe na língua inglesa a partir do termo ‘embody’ como descrito no dicionário Merriam Webster.” (2011, p. 168).

subsistemas e relações estabelecidas entre eles, entende-se também que a permanência dessa companhia, como colocada acima, requer necessariamente uma “troca” constante entre o que se “estoca” e o que se “dissipa”.

Pensando nos corpos dos bailarinos integrantes da companhia em questão como sendo subsistemas desse sistema, estes, por sua vez, são sistemas complexos de subsistemas outros. Deste modo, a permanência do sistema “bailarino” também requer uma troca constante entre o que esse corpo (sistema) apreende (capta, estoca de informação) e o que esse corpo dissipa (perde, afasta) de sua movimentação.

Para essa discussão é necessário esclarecer que a noção de corpo aqui adotada é a recentemente assumida por estudos das mais variadas áreas, que têm o corpo e suas relações como objeto de estudos, que o consideram enquanto processo contínuo, enquanto sistema aberto, que tem, entre outras características, a dinamicidade em seus processos, a defesa da não linearidade dos processos, o caos como potência e a perda da relação direta entre causa e efeito, entendendo que nenhum sistema permanece imutável². Também assumiu-se o conceito de embodiment, que tem como entendimento que a cognição tem seu início no e pelo corpo, desfazendo o tradicional entendimento que separa o corpo e a mente como sendo instâncias distintas, apresentado por Lakoff e Johnson (1999).

Em dado momento, em um novo projeto coreográfico, o corpo do bailarino que já é composto/carregado/vivido por experiências anteriores a esta, não se apresenta, portanto, neutro. Leva consigo mapeamentos, opções e até preferências de movimentações. É o que o corpo corporalizou/embodiment, adquirido em experiências vivenciadas anteriormente por ele. Nesse processo, trocas entre o que se pretende alcançar (a proposta de movimento) e o que se tem (corporalizado/embodiment) se relacionam de tal forma que coisas irão se dissipar e coisas serão assimiladas, emergindo desse processo novas possíveis configurações da proposta de movimento que não exatamente as iniciais nem as já corporalizadas anteriormente. Esse “resultado” que emergente desse processo de negociação não deixa de ser em si um subsistema para a continuidade do processo de investigação da proposta coreográfica trabalhada e de trazer para o processo um ganho de complexidade.

Assim, em ambiente sempre mutável, os organismos vivem longe de um equilíbrio dinâmico, alavancado pela entropia, e, ao buscar estabilidade, nas suas trocas com o ambiente, vivem de processos adaptativos. (QUEIROZ, 2009, p. 22)

Entretanto, sabe-se também que não é interessante para um sistema estar constantemente em processos de mudanças muito significativas, pois dessa forma ele se manteria constantemente em caos, não tendo, portanto, uma característica, identidade ou coerência. É necessário entender que o sistema, apesar de não poder ser completamente estável e estabilizado, o que causaria seu fim, necessita de certa estabilidade e de certa organização, tratando-se então, de uma metaestabilidade.

A metaestabilidade seria, então, uma posição de estar entre um estado e o outro. O sistema que quer permanecer busca uma metaestabilidade uma vez que está

² Conceitos defendidos pela teoria dinamicista de Esther Thelen.

incessantemente trocando informação com o meio ambiente. Nessas relações de troca de informação, ele vive estados de instabilidade e de incerteza, mesmo estando organizado internamente.

[...] Uma vez que o sistema consegue superar um estado de instabilidade, se reorganiza e nesse movimento, inevitavelmente adquire complexidade. Entretanto, não há como permanecer vivendo em crises consecutivas, o que aponta a necessidade de uma metaestabilidade, ainda que relativa. (MACHADO, 2007, p. 18)

Nestes sistemas trazidos para a discussão (companhia e bailarino), a metaestabilidade também se faz necessária e presente.

Pensando primeiramente no bailarino, já o entendendo no processo de permanência – fluxo entre informação e entropia – propõe-se que, ao se encontrar em um projeto coreográfico que inicialmente era inédito para ele corporalmente, após certo tempo de contato com a proposta de movimento trabalhada, seu corpo começa a se “familiarizar” com as movimentações, intensidades e características do projeto coreográfico. Assim, o trabalho em questão passa a se tornar facilitado, dia após dia, com os estudos e aproximação com os movimentos, se intensificando a medida que o bailarino ensaia e executa a coreografia repetidas vezes. Dessa forma acredita-se que o corpo do bailarino (sistema) possa ter alcançado uma metaestabilidade para o trabalho coreográfico em questão e se mantém atuando de modo mais seguro e eficiente, pois se encontra em certa estruturação momentânea para a movimentação que se está sendo realizada. No entanto, não se deve esquecer que as mudanças ainda estão presentes a cada fazer daquele corpo, por mais que se trate de uma repetição. São mudanças constantes que, diferentemente do contato inicial com a proposta coreográfica, não estão trazendo para o sistema grandes abalos nem desestruturando-o para que ele se reorganize novamente. São novas informações que o sistema, para essa metaestabilidade alcançada, consegue organizá-las em seu meio sem a necessidade de desestruturação, sendo, portanto o que Machado (2007) denomina de “metaestabilidade, ainda que relativa” (p. 18).

Propõe-se, portanto que, entendendo o corpo que dança como sistema aberto e de alta complexidade, o bailarino profissional busque ampliar seu fazer e sua formação contínua no sentido de uma multi e diversa formação corporal, fazendo com que o fluxo de entropia e de informação deste corpo não se estanque, tendo também uma provável melhora na aceitação do novo e de sua adaptabilidade.

REFERÊNCIAS:

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge western thought**. New York: Basic Books, 1999.

MACHADO, Adriana Bittencourt. **A NATUREZA DA PERMANÊNCIA: Processos comunicativos complexos e a dança**. São Paulo: PUC, 2001. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001. p. 14-38.

QUEIROZ, Lela. **Húmus**. Organização de Sigrid Nora. Caxias do Sul – RS. 3ª edição, 2011.

_____. **Corpo, mente e percepção: movimento em BMC e dança.**
São Paulo – SP. Annablume, Fapesp, 2009.